

# **A LITURGIA – CUME E FONTE DA VIDA CRISTÃ**

## **Escola de ministérios – Leitores**

A Escola de Ministérios destinada aos Leitores, foi pensada, este ano, a partir da carta encíclica *Lumen fidei*, documento próprio para o Ano da Fé, comemorativo dos 50 anos do II Concílio do Vaticano. Faremos uma leitura deste documento para tomarmos consciência da importância do ministério litúrgico do leitor em ordem à evangelização, à vida da fé e à renovação litúrgica indicada pelo Concílio.

### **1. A luz da fé proclamada na liturgia da palavra.**

Assim como a luz dos nossos olhos é a que entra pelos olhos e se projecta na mente, assim a luz da nossa fé é a que entra pela palavra que os ouvidos levam ao coração. A *Lumen fidei* começa com esta apresentação: «A luz da fé é a expressão com que a tradição da Igreja designou o grande dom trazido por Jesus. Eis como Ele Se nos apresenta, no Evangelho de João: «Eu vim ao mundo como luz, para que todo o que crê em Mim não fique nas trevas» (Jo 12, 46). E São Paulo exprime-se nestes termos: «Porque o Deus que disse: “das trevas brilhe a luz”, foi quem brilhou nos nossos corações» (2 Cor 4, 6) (LF 1). A proclamação da palavra de Deus na liturgia está ao serviço da fé: diz a fé do leitor, gera e alimenta a fé dos ouvintes. A palavra é a luz de Deus na pessoa de Jesus Cristo e do leitor, o Verbo encarnado. O leitor litúrgico tem de ser um iluminado, um crente que possui a palavra e a comunica. A comunicação litúrgica é realizada num contexto ritual, mas o Espírito Santo é o actor principal: «Não sereis vós a falar, mas é o Espírito do vosso Pai que falará em vós» (Mt 10, 20). Esta verdade foi ensinada por Jesus no contexto do martírio ao serviço do testemunho cristão. O martírio é o maior e o melhor testemunho. O conceito de martírio deve estar presente no exercício do ministério do leitor que dá voz à palavra de Deus: o Espírito do Pai a falar no leitor. A palavra do livro pode parecer uma luz ilusória e deixar o ouvinte na escuridão da racionalidade (cf. PF 2-3), mas a luz da fé que começa por ser luz no leitor – e esse leitor é Cristo – penetra o coração do ouvinte e tem a capacidade de o converter: «Para que uma luz seja tão poderosa, não pode dimanar de nós mesmos; tem de vir de uma fonte mais originária, deve porvir em última análise de Deus. A fé nasce no encontro com o Deus vivo, que nos chama e revela o seu amor: um amor que nos precede e sobre o qual podemos apoiar-nos para construir solidamente a vida. Transformados por este amor, recebemos olhos novos e experimentamos que há nele uma grande promessa de plenitude e se nos abre a visão do futuro. A fé, que recebemos de Deus como dom sobrenatural, aparece-nos como luz para a estrada orientando os nossos passos no tempo» (LF 4). A fé como dom recebido de Deus e destinado aos irmãos é descrita na apresentação da carta encíclica: «Antes da sua paixão, o Senhor assegurava a Pedro: «Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça» (Lc 22, 32). Depois pediu-lhe para «confirmar os irmãos» na mesma fé. Consciente da tarefa confiada ao Sucessor de Pedro, Bento XVI quis proclamar este Ano da Fé, um tempo de graça que nos tem ajudado a sentir a grande alegria de crer, a reavivar a percepção da amplitude de horizontes que a fé descerra, para a confessar na sua unidade e integridade, fiéis à memória do Senhor, sustentados pela sua presença e pela acção do Espírito Santo. A convicção duma fé que faz grande e plena a vida, centrada em Cristo e na força da sua graça, animava a missão dos primeiros cristãos. Nas Actas dos Mártires, lemos este diálogo entre o prefeito romano Rústico e o cristão Hierax: «Onde estão os teus pais?» – perguntava o juiz ao mártir; este respondeu:

«O nosso verdadeiro pai é Cristo, e nossa mãe a fé n'Ele». Para aqueles cristãos, a fé, enquanto encontro com o Deus vivo que Se manifestou em Cristo, era uma «mãe», porque os fazia vir à luz, gerava neles a vida divina, uma nova experiência, uma visão luminosa da existência, pela qual estavam prontos a dar testemunho público até ao fim» (LF 5).

## **2. A liturgia da palavra é um exercício de maternidade eclesial.**

Este título pretende comparar a liturgia da palavra ao exercício da maternidade. Desde a concepção até à morte, a mulher é naturalmente mãe, como o homem é pai. A liturgia da palavra celebra a maternidade espiritual da Igreja, como a liturgia eucarística realiza a paternidade redentora.

A *Lumen fidei* apresenta e desenvolve esta verdade no cap. I a que dá o título de «Acreditámos no amor». A vida é uma história de amor que integra muitos elementos. Começa por recordar os nossos antepassados na fé: «se quisermos compreender o que é a fé, temos de explicar o seu percurso, o caminho dos homens crentes, com os primeiros testemunhos já no Antigo Testamento. Um posto singular ocupa Abraão, nosso pai na fé. Na sua vida, acontece um facto impressionante: Deus dirige-lhe a Palavra, revela-Se como um Deus que fala e o chama pelo nome. A fé está ligada à escuta. Abraão não vê Deus, mas ouve a sua voz. Deste modo, a fé assume um carácter pessoal: o Senhor não é o Deus de um lugar, nem mesmo o Deus vinculado a um tempo sagrado específico, mas o Deus de uma pessoa, concretamente o Deus de Abraão, Isaac e Jacob, capaz de entrar em contacto com o homem e estabelecer com ele uma aliança. A fé é a resposta a uma Palavra que interpela pessoalmente, a um Tu que nos chama pelo nome» (LF 8). E ainda mais: «Esta Palavra comunica a Abraão um chamamento e uma promessa. Contém, antes de tudo, um chamamento a sair da própria terra, convite a abrir-se a uma vida nova, início de um êxodo que o encaminha para um futuro inesperado. A perspectiva, que a fé vai proporcionar a Abraão, estará sempre ligada com este passo em frente que ele deve realizar: a fé «vê» na medida em que caminha, em que entra no espaço aberto pela Palavra de Deus. Mas tal Palavra contém ainda uma promessa: a tua descendência será numerosa, serás pai de um grande povo (cf. Gn 13, 16; 15, 5; 22, 17). É verdade que a fé de Abraão, enquanto resposta a uma Palavra que a precede, será sempre um acto de memória; contudo esta memória não o fixa no passado, porque, sendo memória de uma promessa, se torna capaz de abrir ao futuro, de iluminar os passos ao longo do caminho. Assim se vê como a fé, enquanto memória do futuro, está intimamente ligada com a esperança» (LF 9).

A palavra que dá origem à fé permanece sempre como fundamento: «A Abraão pede-se para se confiar a esta Palavra. A fé compreende que a palavra – uma realidade aparentemente efémera e passageira –, quando é pronunciada pelo Deus fiel, se torna no que de mais seguro e inabalável possa haver. A fé acolhe esta Palavra como rocha segura, sobre a qual se pode construir com alicerces firmes. O homem fiel recebe a sua força do confiar-se nas mãos do Deus fiel. Santo Agostinho explica-o assim: «O homem fiel é aquele que crê no Deus que promete; o Deus fiel é aquele que concede o que prometeu ao homem» (LF 10).

A palavra que procede do Deus criador destina-se a capacitar o homem para a continuação da obra da criação: «Deus associa a sua promessa com aquele «ponto» onde desde sempre a existência do homem se mostra promissora, ou seja, a paternidade, a geração duma nova vida:

«Sara, tua mulher, dar-te-á um filho, a quem hás-de chamar Isaac» (*Gen* 17, 19). O mesmo Deus que pede a Abraão para se confiar totalmente a Ele, revela-Se como a fonte donde provém toda a vida. Desta forma, a fé une-se com a Paternidade de Deus, da qual brota a criação: o Deus que chama Abraão é o Deus criador, aquele que «chama à existência o que não existe» (*Rom* 4, 17), aquele que, «antes da fundação do mundo, (...) nos predestinou para sermos adoptados como seus filhos» (*Ef* 1, 4-5). No caso de Abraão, a fé em Deus ilumina as raízes mais profundas do seu ser: permite-lhe reconhecer a fonte de bondade que está na origem de todas as coisas, e confirmar que a sua vida não deriva do nada nem do acaso, mas de um chamamento e um amor pessoais. O Deus misterioso que o chamou não é um Deus estranho, mas a origem de tudo e que tudo sustenta. A grande prova da fé de Abraão, o sacrifício do filho Isaac, manifestará até que ponto este amor originador é capaz de garantir a vida mesmo para além da morte. A Palavra que foi capaz de suscitar um filho no seu corpo «já sem vida (...), como sem vida estava o seio» de Sara estéril (*Rom* 4, 19), também será capaz de garantir a promessa de um futuro para além de qualquer ameaça ou perigo» (LF 11).

A fé de Abraão está na origem da fé de Israel: «A história do povo de Israel, no livro do Êxodo, continua na esteira da fé de Abraão. De novo, a fé nasce de um dom originador: Israel abre-se à acção de Deus, que quer libertá-lo da sua miséria. A fé é chamamento a um longo caminho, para poder adorar o Senhor no Sinai e herdar uma terra prometida. O amor divino possui os traços de um pai que conduz seu filho pelo caminho (cf. *Deut* 1, 31). A confissão de fé de Israel desenrola-se como uma narração dos benefícios de Deus, da sua acção para libertar e conduzir o povo (cf. *Dt* 26, 5-11); narração esta, que o povo transmite de geração em geração. A luz de Deus vem-nos através da narração da sua revelação e, assim, é capaz de iluminar o nosso caminho no tempo, recordando os benefícios divinos e mostrando como se cumprem as suas promessas» (LF 12).

A ausência da fé também faz parte da história dos filhos de Abraão: «A história de Israel mostra-nos ainda a tentação da incredulidade, em que o povo caiu várias vezes. Aparece aqui o contrário da fé: a idolatria. Enquanto Moisés fala com Deus no Sinai, o povo não suporta o mistério do rosto divino escondido, não suporta o tempo de espera. Compreende-se assim que o ídolo é um pretexto para se colocar a si mesmo no centro da realidade, na adoração da obra das próprias mãos. Por isso, a idolatria é sempre politeísmo, movimento sem meta de um senhor para outro. A idolatria não oferece um caminho, mas uma multiplicidade de veredas que não conduzem a uma meta certa, antes se configuram como um labirinto. Quem não quer confiar-se a Deus, deve ouvir as vozes dos muitos ídolos que lhe gritam: «Confia-te a mim!» A fé, enquanto ligada à conversão, é o contrário da idolatria: é separação dos ídolos para voltar ao Deus vivo, através de um encontro pessoal» (LF 13).

A fé em Deus está ligada a mediações. «Na fé de Israel, sobressai também a figura de Moisés, o mediador. O povo não pode ver o rosto de Deus; é Moisés que fala com Jahvé na montanha e comunica a todos a vontade do Senhor. Com esta presença do mediador, Israel aprendeu a caminhar unido» (LF 14). Mas o grande mediador é o próprio Jesus Cristo: «Abraão exultou pensando em ver o meu dia; viu-o e ficou feliz» (*Jo* 8, 56). De acordo com estas palavras de Jesus, a fé de Abraão estava orientada para Ele, de certo modo era visão antecipada do seu mistério. Assim o entende Santo Agostinho, quando afirma que os Patriarcas se salvaram pela fé; não fé em Cristo já chegado, mas fé em Cristo que havia de vir, fé inclinada para a vinda futura de Jesus. A fé cristã está centrada em Cristo; é confissão de que Jesus é o Senhor e que Deus O ressuscitou de entre os mortos. A história de Jesus é a manifestação plena da fiabilidade de Deus. Se Israel recordava os grandes actos de amor de Deus, que formavam o centro da sua confissão e abriam o horizonte da sua fé, agora a vida de Jesus aparece como o lugar da

intervenção definitiva de Deus, a suprema manifestação do seu amor por nós. A palavra que Deus nos dirige em Jesus já não é uma entre muitas outras, mas a sua Palavra eterna» (LF 15).

A fé em Deus atravessa a própria morte: «A morte de Cristo desvenda a total fiabilidade do amor de Deus à luz da sua ressurreição. Enquanto ressuscitado, Cristo é testemunha fiável, digna de fé, apoio firme para a nossa fé. «Se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé», afirma São Paulo (1 Cor 15, 17). Se o amor do Pai não tivesse feito Jesus ressurgir dos mortos, se não tivesse podido restituir a vida ao seu corpo, não seria um amor plenamente fiável, capaz de iluminar também as trevas da morte. Quando São Paulo fala da sua nova vida em Cristo, refere que a vive «na fé do Filho de Deus que me amou e a Si mesmo Se entregou por mim» (Gal 2, 20). A nossa cultura perdeu a noção desta presença concreta de Deus, da sua acção no mundo; pensamos que Deus Se encontra só no além, noutra nível de realidade, separado das nossas relações concretas. Os cristãos confessam o amor concreto e poderoso de Deus, que actua verdadeiramente na história e determina o seu destino final; um amor que se fez passível de encontro, que se revelou em plenitude na paixão, morte e ressurreição de Cristo» (LF 17).

A salvação é a resposta de Deus à fé do crente: «O início da salvação é a abertura a algo que nos antecede, a um dom originário que sustenta a vida e a guarda na existência. Só abrindo-nos a esta origem e reconhecendo-a é que podemos ser transformados, deixando que a salvação actue em nós e torne a vida fecunda, cheia de frutos bons. A salvação pela fé consiste em reconhecer o primado do dom de Deus, como resume São Paulo: «Porque é pela graça que estais salvos, por meio da fé. E isto não vem de vós, é dom de Deus» (Ef 2, 8) (LF 19). «A fé em Cristo salva-nos, porque é n'Ele que a vida se abre radicalmente a um Amor que nos precede e transforma a partir de dentro, que age em nós e connosco. A fé sabe que Deus Se tornou muito próximo de nós, que Cristo nos foi oferecido como grande dom que nos transforma interiormente, que habita em nós» (LF 20).

### **3. A responsabilidade do leitor: acreditar para compreender.**

O exercício do ministério de leitor é um acto de fé que une a voz de quem lê à palavra de quem diz. Se não acreditardes, não compreendereis (cf. Is 7, 9): foi assim que a versão grega da Bíblia hebraica traduziu as palavras do profeta Isaías ao rei Acaz, fazendo aparecer como central, na fé, a questão do conhecimento da verdade. Entretanto, no texto hebraico, há uma leitura diferente; aqui o profeta diz ao rei: «Se não o acreditardes, não subsistireis». O profeta exorta a compreender os caminhos do Senhor, encontrando na fidelidade de Deus o plano de sabedoria que governa os séculos. [24] Lido a esta luz, o texto de Isaías faz-nos concluir: o homem precisa de conhecimento, precisa de verdade, porque sem ela não se mantém de pé, não caminha. Sem verdade, a fé não salva, não torna seguros os nossos passos. ... Precisamente pela sua ligação intrínseca com a verdade, a fé é capaz de oferecer uma luz nova, superior aos cálculos do rei, porque vê mais longe, compreende o agir de Deus, que é fiel à sua aliança e às suas promessas» (LF 23-24).

O leitor deve ter consciência da força dos meios de comunicação social. O impacto duma leitura litúrgica é diferente duma notícia, porventura insignificante, que determinada comunicação quer apresentar como muito importante. O leitor pode não precisar de amplificação do som, mas precisa da verdade: «Lembrar esta ligação da fé com a verdade é hoje mais necessário do que nunca, precisamente por causa da crise de verdade em que vivemos. Na cultura contemporânea, tende-se frequentemente a aceitar como verdade apenas a da tecnologia: é verdadeiro aquilo que o homem consegue construir e medir com a sua ciência; é verdadeiro porque funciona, e assim torna a vida mais cómoda e aprazível. Esta verdade parece ser, hoje, a única certa, a única partilhável com os outros; depois haveria as verdades do indivíduo, como ser autêntico face àquilo que cada um sente no seu íntimo, válidas apenas para o sujeito mas que não podem ser propostas aos outros com a pretensão de servir o bem comum. No fim, resta apenas um relativismo, no qual a questão sobre a verdade de tudo – que, no fundo, é também a questão de Deus – já não interessa. Nesta perspectiva, é lógico que se pretenda eliminar a ligação da religião com a verdade, porque esta associação estaria na raiz do fanatismo» (LF 25).

A verdade proclamada pelo leitor deve incluir o contributo e a actividade do coração: «Acredita-se com o coração» (Rom 10, 10). Este, na Bíblia, é o centro do homem, onde se encontram todas as suas dimensões: o corpo e o espírito, a interioridade da pessoa e a sua abertura ao mundo e aos outros, a inteligência, a vontade, a afectividade. O coração pode manter unidas estas dimensões, porque é o lugar onde nos abrimos à verdade e ao amor, deixando que nos toquem e transformem profundamente. A fé transforma a pessoa inteira, precisamente na medida em que ela se abre ao amor; é neste entrelaçamento da fé com o amor que se compreende a forma de conhecimento própria da fé, a sua força de convicção, a sua capacidade de iluminar os nossos passos. A fé conhece na medida em que está ligada ao amor, já que o próprio amor traz uma luz. A compreensão da fé é aquela que nasce quando recebemos o grande amor de Deus, que nos transforma interiormente e nos dá olhos novos para ver a realidade» (LF 26).

O acto de ler a palavra de Deus supõe a escuta e a visão. O leitor diz o que escutou e viu à luz da fé. «São Paulo usará uma fórmula que se tornou clássica: *«fides ex auditu»* – a fé vem da escuta» (Rom 10, 17). O conhecimento associado à palavra é sempre conhecimento pessoal, que reconhece a voz, se lhe abre livremente e a segue obedientemente. Por isso, São Paulo falou da «obediência da fé» (cf. Rom 1, 5; 16, 26). Além disso, a fé é conhecimento ligado ao transcorrer do tempo que a palavra necessita para ser explicitada: é conhecimento que só se aprende num percurso de seguimento. A escuta ajuda a identificar bem o nexo entre conhecimento e amor. O Antigo Testamento combinou os dois tipos de conhecimento – a escuta e a visão –, unindo a escuta da Palavra de Deus com o desejo de ver o seu rosto. O ouvido atesta não só o chamamento pessoal e a obediência, mas também que a verdade se revela no tempo; a vista, por sua vez, oferece a visão plena de todo o percurso, permitindo situar-nos no grande projecto de Deus; sem tal visão, disporíamos apenas de fragmentos isolados de um todo desconhecido» (LF 29).

Como é que o leitor escuta e vê ? A carta encíclica explica: «A conexão entre o ver e o ouvir, como órgãos do conhecimento da fé, aparece com a máxima clareza no Evangelho de João, onde acreditar é simultaneamente ouvir e ver. A escuta da fé verifica-se segundo a forma de conhecimento própria do amor: é uma escuta pessoal, que distingue e reconhece a voz do Bom Pastor (cf. Jo 10, 3-5); uma escuta que requer o seguimento, como acontece com os primeiros discípulos que, «ouvindo [João Baptista] falar desta maneira, seguiram Jesus» (Jo 1, 37). Por outro lado, a fé está ligada também com a visão: umas vezes, a visão dos sinais de Jesus precede a fé, como sucede com os judeus que, depois da ressurreição de Lázaro, «ao verem o que Jesus fez, creram n'Ele» (Jo 11, 45); outras vezes, é a fé que leva a uma visão mais profunda: «Se acreditares, verás a glória de Deus» (Jo 11, 40). Por fim, acreditar e ver cruzam-se: «Quem crê

em Mim (...) crê n'Aquele que Me enviou; e quem Me vê a Mim, vê Aquele que me enviou» (Jo 12, 44-45). O ver, graças à sua união com o ouvir, torna-se seguimento de Cristo; e a fé aparece como um caminho do olhar em que os olhos se habituariam a ver em profundidade. E assim, na manhã de Páscoa, de João – que, ainda na escuridão perante o túmulo vazio, «viu e começou a crer» (Jo 20, 8) – passa-se a Maria Madalena – que já vê Jesus (cf. Jo 20, 14) e quer retê-lo, mas é convidada a contemplá-lo no caminho para o Pai – até à plena confissão da própria Madalena diante dos discípulos: «Vi o Senhor!» (Jo 20, 18) (LF 30).

E a explicação continua: «Como se chega a esta síntese entre o ouvir e o ver? A partir da pessoa concreta de Jesus, que Se vê e escuta. Ele é a Palavra que Se fez carne e cuja glória contemplamos (cf. Jo 1, 14). A luz da fé é a luz de um Rosto, no qual se vê o Pai. De facto, no quarto Evangelho, a verdade que a fé apreende é a manifestação do Pai no Filho, na sua carne e nas suas obras terrenas; verdade essa, que se pode definir como a «vida luminosa» de Jesus. Isto significa que o conhecimento da fé não nos convida a olhar uma verdade puramente interior; a verdade que a fé nos descerra é uma verdade centrada no encontro com Cristo, na contemplação da sua vida, na percepção da sua presença. Neste sentido e a propósito da visão corpórea do Ressuscitado, São Tomás de Aquino fala de *oculata fides* (uma fé que vê) dos Apóstolos: viram Jesus ressuscitado com os seus olhos e acreditaram, isto é, puderam penetrar na profundidade daquilo que viam para confessar o Filho de Deus, sentado à direita do Pai» (LF 30). «Compreendemos agora por que motivo, para João, a fé seja, juntamente com o escutar e o ver, um tocar, como nos diz na sua Primeira Carta: «O que ouvimos, o que vimos (...) e as nossas mãos tocaram relativamente ao Verbo da Vida...» (1 Jo 1, 1). Por meio da sua encarnação, com a sua vinda entre nós, Jesus tocou-nos e, através dos sacramentos, ainda hoje nos toca; desta forma, transformando o nosso coração, permitiu-nos – e permite-nos – reconhecê-lo e confessá-lo como Filho de Deus. Pela fé, podemos tocá-lo e receber a força da sua graça. Santo Agostinho, comentando a passagem da hemorroíssa que toca Jesus para ser curada (cf. Lc 8, 45-46), afirma: 'Tocar com o coração, isto é crer'» (LF 31). «Na experiência concreta de Agostinho, que ele próprio narra nas suas Confissões, o momento decisivo no seu caminho de fé não foi uma visão de Deus para além deste mundo, mas a escuta, quando no jardim ouviu uma voz que lhe dizia: «Toma e lê»; ele pegou no tomo com as Cartas de São Paulo, detendo-se no capítulo décimo terceiro da Carta aos Romanos. Temos aqui o Deus pessoal da Bíblia, capaz de falar ao homem, descer para viver com ele e acompanhar o seu caminho na história, manifestando-Se no tempo da escuta e da resposta. Mas, este encontro com o Deus da Palavra não levou Santo Agostinho a rejeitar a luz e a visão, mas integrou ambas as perspectivas, guiado sempre pela revelação do amor de Deus em Jesus. Deste modo, associando escuta e visão, Santo Agostinho pôde referir-se à «palavra que resplandece no interior do homem». A luz torna-se, por assim dizer, a luz de uma palavra, porque é a luz de um Rosto pessoal, uma luz que, ao iluminar-nos, nos chama e quer reflectir-se no nosso rosto para resplandecer a partir do nosso íntimo. Por outro lado, o desejo da visão do todo continua presente e cumprir-se-á no fim, quando o homem – como diz o Santo de Hipona – puder ver e amar; e isto, não por ser capaz de possuir a luz toda, mas por entrar, todo inteiro, na luz» (LF 33).

O leitor faz da sua vida uma busca de Deus: «O homem religioso procura reconhecer os sinais de Deus nas experiências diárias da sua vida, no ciclo das estações, na fecundidade da terra e em todo o movimento do universo. Deus é luminoso, podendo ser encontrado também por aqueles que O buscam de coração sincero. Imagem desta busca são os Magos, guiados pela estrela até Belém (cf. Mt 2, 1-12). A luz de Deus mostrou-se-lhes como caminho, como estrela que os guia ao longo duma estrada a descobrir. Encontrando-se a caminho, o homem religioso deve estar pronto a deixar-se guiar, a sair de si mesmo para encontrar o Deus que não cessa de nos surpreender. Santo Ireneu de Lião refere que Abraão, antes de ouvir a voz de Deus, já O

procurava «com o desejo ardente do seu coração» e «percorria todo o mundo, perguntando-se onde poderia estar Deus», até que «Deus teve piedade daquele que, sozinho, O procurava no silêncio». Quem se põe a caminho para praticar o bem, já se aproxima de Deus, já está sustentado pela sua ajuda, porque é próprio da dinâmica da luz divina iluminar os nossos olhos, quando caminhamos para a plenitude do amor» (LF 35)

Na sua busca de Deus, o leitor pode recorrer à teologia como uma escola de fé: «Os grandes doutores e teólogos medievais declararam que a teologia, enquanto ciência da fé, é uma participação no conhecimento que Deus tem de Si mesmo. Por isso, a teologia não é apenas palavra sobre Deus, mas, antes de tudo, acolhimento e busca de uma compreensão mais profunda da palavra que Deus nos dirige: palavra que Deus pronuncia sobre Si mesmo, porque é um diálogo eterno de comunhão, no âmbito do qual é admitido o homem. Assim, é própria da teologia a humildade, que se deixa «tocar» por Deus, reconhece os seus limites face ao Mistério e se encoraja a explorar, com a disciplina própria da razão, as riquezas insondáveis deste Mistério. Além disso, a teologia partilha a forma eclesial da fé; a sua luz é a luz do sujeito crente que é a Igreja. Isto implica, por um lado, que a teologia esteja ao serviço da fé dos cristãos, vise humildemente preservar e aprofundar o crer de todos, sobretudo dos mais simples; e por outro, dado que vive da fé, a teologia não considera o magistério do Papa e dos Bispos em comunhão com ele como algo de extrínseco, um limite à sua liberdade, mas, pelo contrário, como um dos seus momentos internos constitutivos, enquanto o magistério assegura o contacto com a fonte originária, oferecendo assim a certeza de beber na Palavra de Cristo em toda a sua integridade» (LF 36).

#### **4. A proclamação da palavra é um serviço eclesial.**

A Igreja é a mãe da nossa fé. São Paulo explica aos Coríntios: «Transmito-vos aquilo que recebi (1 Cor 15,3). O leitor é a voz dessa transmissão: «Quem se abriu ao amor de Deus, acolheu a sua voz e recebeu a sua luz, não pode guardar este dom só para si mesmo. Uma vez que é escuta e visão, a fé transmite-se também como palavra e como luz. A luz de Jesus brilha no rosto dos cristãos como num espelho, e assim se difunde chegando até nós, para que também nós possamos participar desta visão e reflectir para outros a sua luz, da mesma forma que a luz do círio, na liturgia da Páscoa, acende muitas outras velas. A fé transmite-se por assim dizer sob a forma de contacto, de pessoa a pessoa, como uma chama se acende noutra chama. Os cristãos, na sua pobreza, lançam uma semente tão fecunda que se torna uma grande árvore, capaz de encher o mundo de frutos» (LF 37).

Usando a imagem da semente que se vai reproduzindo no tempo, a carta encíclica explica como a transmissão da fé acontece no tempo, de geração em geração: «Dado que a fé nasce de um encontro que acontece na história e ilumina o nosso caminho no tempo, a mesma deve ser transmitida ao longo dos séculos. É através de uma cadeia ininterrupta de testemunhos que nos chega o rosto de Jesus. Como é possível isto? Como se pode estar seguro de beber no «verdadeiro Jesus» através dos séculos? O passado da fé, aquele acto de amor de Jesus que gerou no mundo uma vida nova, chega até nós na memória de outros, das testemunhas, guardado vivo naquele sujeito único de memória que é a Igreja; esta é uma Mãe que nos ensina a falar a linguagem da fé. São João insistiu sobre este aspecto no seu Evangelho, unindo conjuntamente fé e memória e associando as duas à acção do Espírito Santo que, como diz Jesus, «há-de recordar-vos tudo» (Jo 14, 26). O Amor, que é o Espírito e que habita na Igreja, mantém unidos entre si todos os tempos e faz-nos contemporâneos de Jesus, tornando-Se assim o guia do nosso caminho na fé» (LF 38).

A transmissão da fé, como a transmissão da vida, nunca é um acto individual: «É impossível crer sozinhos. O crer exprime-se como resposta a um convite, a uma palavra que não provém de mim, mas deve ser escutada; por isso, insere-se no interior de um diálogo, não pode ser uma mera confissão que nasce do indivíduo: só é possível responder «creio» em primeira pessoa, porque se pertence a uma comunhão grande, dizendo também «cremos». Quem crê nunca está sozinho; e, pela mesma razão, a fé tende a difundir-se, a convidar outros para a sua alegria. Quem recebe a fé, descobre que os espaços do próprio «eu» se alargam, gerando-se nele novas relações que enriquecem a vida. Assim o exprimiu vigorosamente Tertuliano ao dizer do catecúmeno que, tendo sido recebido numa nova família «depois do banho do novo nascimento», é acolhido na casa da Mãe para erguer as mãos e rezar, juntamente com os irmãos, o Pai Nosso» (LF 39).

A fé recebe-se e transmite-se em família: «A Igreja transmite aos seus filhos o conteúdo da sua memória. Como se deve fazer esta transmissão de modo que nada se perca, mas antes que tudo se aprofunde cada vez mais na herança da fé? É através da Tradição Apostólica, conservada na Igreja com a assistência do Espírito Santo, que temos contacto vivo com a memória fundadora. E aquilo que foi transmitido pelos Apóstolos, como afirma o Concílio Ecuménico Vaticano II, «abrange tudo quanto contribui para a vida santa do Povo de Deus e para o aumento da sua fé; e assim a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela é e tudo quanto acredita». Para se transmitir tal plenitude, existe um meio especial. Este meio são os sacramentos celebrados na liturgia da Igreja: neles, comunica-se uma memória encarnada, ligada aos lugares e épocas da vida, associada com todos os sentidos; neles, a pessoa é envolvida, como membro de um sujeito vivo, num tecido de relações comunitárias. Por isso, se é verdade que os sacramentos são os sacramentos da fé, há que afirmar também que a fé tem uma estrutura sacramental; o despertar da fé passa pelo despertar de um novo sentido sacramental na vida do homem e na existência cristã, mostrando como o visível e o material se abrem para o mistério do eterno» (LF 40).

Em seguida, analisa as diferentes fases do crescimento e da transmissão da fé por meio dos sacramentos. «A transmissão da fé verifica-se, em primeiro lugar, através do Baptismo. Poderia parecer que este sacramento fosse apenas um modo para simbolizar a confissão de fé, um acto pedagógico para quem precise de imagens e gestos, e do qual seria possível fundamentalmente prescindir. Mas não é assim, como no-lo recorda uma palavra de São Paulo: «Pelo Baptismo fomos sepultados com Cristo na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova» (Rom 6, 4); nele, tornamo-nos nova criatura e filhos adoptivos de Deus. E mais adiante o Apóstolo diz que o cristão foi confiado a uma «forma de ensino», a que obedece de coração (cf. Rm 6, 17): no Baptismo, o homem recebe também uma doutrina que deve professar e uma forma concreta de vida que requer o envolvimento de toda a sua pessoa, encaminhando-a para o bem; é transferido para um novo âmbito, confiado a um novo ambiente, a uma nova maneira comum de agir, na Igreja. Deste modo, o Baptismo recorda-nos que a fé não é obra do indivíduo isolado, não é um acto que o homem possa realizar contando apenas com as próprias forças, mas tem de ser recebida, entrando na comunhão eclesial que transmite o dom de Deus: ninguém se baptiza a si mesmo, tal como ninguém vem sozinho à existência. Fomos baptizados» (LF 41).

A este ponto da reflexão, é apresentada uma explicação e um convite ao baptismo das crianças: «A estrutura do Baptismo, a sua configuração como renascimento no qual recebemos um nome novo e uma vida nova, ajuda-nos a compreender o sentido e a importância do Baptismo das crianças. Uma criança não é capaz de um acto livre que acolha a fé: ainda não a pode confessar sozinha e, por isso mesmo, é confessada pelos seus pais e pelos padrinhos em nome

dela. A fé é vivida no âmbito da comunidade da Igreja, insere-se num «nós» comum. Assim, a criança pode ser sustentada por outros, pelos seus pais e padrinhos, e pode ser acolhida na fé deles que é a fé da Igreja, simbolizada pela luz que o pai toma do círio na liturgia baptismal. Esta estrutura do Baptismo põe em evidência a importância da sinergia entre a Igreja e a família na transmissão da fé. Os pais são chamados — como diz Santo Agostinho — não só a gerar os filhos para a vida, mas a levá-los a Deus, para que sejam, através do Baptismo, regenerados como filhos de Deus, recebam o dom da fé. Assim, juntamente com a vida, é-lhes dada a orientação fundamental da existência e a segurança de um bom futuro; orientação esta, que será ulteriormente corroborada no sacramento da Confirmação com o selo indelével do Espírito Santo» (LF 43).

A vida da fé gerada no baptismo e orientada na confirmação «encontra a sua máxima expressão na Eucaristia. Esta é alimento precioso da fé, encontro com Cristo presente de maneira real no seu acto supremo de amor: o dom de Si mesmo que gera vida. Na Eucaristia, temos o cruzamento dos dois eixos sobre os quais a fé percorre o seu caminho. Por um lado, o eixo da história: a Eucaristia é acto de memória, actualização do mistério, em que o passado, como um acontecimento de morte e ressurreição, mostra a sua capacidade de se abrir ao futuro, de antecipar a plenitude final. Por outro lado, encontra-se aqui também o eixo que conduz do mundo visível ao invisível: na Eucaristia, aprendemos a ver a profundidade do real. O pão e o vinho transformam-se no Corpo e Sangue de Cristo, que Se faz presente no seu caminho pascal para o Pai: este movimento introduz-nos, corpo e alma, no movimento de toda a criação para a sua plenitude em Deus» (LF 44).

A transubstanciação, que acontece na consagração dos dons mediante a oração da epiclese e a narração da instituição, é um acontecimento habitual na liturgia dos sacramentos. O Santo Padre chama a atenção para esta realidade: «Na celebração dos sacramentos, a Igreja transmite a sua memória, particularmente com a profissão de fé. Nesta, não se trata tanto de prestar assentimento a um conjunto de verdades abstractas, como sobretudo de fazer a vida toda entrar na comunhão plena com o Deus Vivo. Podemos dizer que, no *Credo*, o fiel é convidado a entrar no mistério que professa e a deixar-se transformar por aquilo que confessa. Para compreender o sentido desta afirmação, pensemos em primeiro lugar no conteúdo do *Credo*. Aquele que confessa a fé sente-se implicado na verdade que confessa; não pode pronunciar, com verdade, as palavras do *Credo*, sem ser por isso mesmo transformado, sem mergulhar na história de amor que o abraça, que dilata o seu ser tornando-o parte de uma grande comunhão, do sujeito último que pronuncia o *Credo*: a Igreja. Todas as verdades, em que cremos, afirmam o mistério da vida nova da fé como caminho de comunhão com o Deus Vivo» (LF 45).

Na transmissão da fé há ainda dois elementos que são essenciais: «O primeiro é a Oração do Senhor, o Pai Nosso; nela, o cristão aprende a partilhar a própria experiência espiritual de Cristo e começa a ver com os olhos d'Ele. Igualmente importante é ainda a ligação entre a fé e o Decálogo. O Decálogo não é um conjunto de preceitos negativos, mas de indicações concretas para sair do deserto do «eu» auto-referencial, fechado em si mesmo, e entrar em diálogo com Deus. O Decálogo aparece como o caminho da gratidão, da resposta de amor, que é possível porque, na fé, nos abrimos à experiência do amor de Deus que nos transforma. E este caminho recebe uma luz nova de tudo aquilo que Jesus ensina no Sermão da Montanha» (LF 46).

## 5. O ministério do leitor edifica a igreja.

O leitor é um construtor da cidade de Deus. A fé que actua na palavra proclamada presta o melhor serviço ao bem comum. «Ao apresentar a história dos patriarcas e dos justos do Antigo Testamento, a Carta aos Hebreus põe em relevo um aspecto essencial da sua fé; esta não se apresenta apenas como um caminho, mas também como edificação, preparação de um lugar onde os homens possam habitar uns com os outros. O primeiro construtor é Noé, que, na arca, consegue salvar a sua família (cf. Heb 11, 7). Depois aparece Abraão, de quem se diz que, pela fé, habitara em tendas, esperando a cidade de alicerces firmes (cf. Heb 11, 9-10). Vemos assim surgir, relacionada com a fé, uma nova fiabilidade, uma nova solidez, que só Deus pode dar. Se o homem de fé assenta sobre o Deus-Amen, o Deus fiel (cf. Is 65, 16), podemos acrescentar que a firmeza da fé se refere também à cidade que Deus está a preparar para o homem. A fé revela quão firmes podem ser os vínculos entre os homens, quando Deus Se torna presente no meio deles. Não evoca apenas uma solidez interior, uma convicção firme do crente; a fé ilumina também as relações entre os homens, porque nasce do amor e segue a dinâmica do amor de Deus. O Deus fiável dá aos homens uma cidade fiável» (LF 50). «A fé faz compreender a arquitectura das relações humanas, porque identifica o seu fundamento último e destino definitivo em Deus, no seu amor, e assim ilumina a arte da sua construção, tornando-se um serviço ao bem comum. Por isso, a fé é um bem para todos, um bem comum: a sua luz não ilumina apenas o âmbito da Igreja nem serve somente para construir uma cidade eterna no além, mas ajuda também a construir as nossas sociedades de modo que caminhem para um futuro de esperança. As mãos da fé levantam-se para o céu, mas fazem-no ao mesmo tempo que edificam, na caridade, uma cidade construída sobre relações que têm como alicerce o amor de Deus» (LF 51).

A edificação da Igreja também se realiza na leitura da palavra de Deus em família e a sós. «No caminho de Abraão para a cidade futura, a Carta aos Hebreus alude à bênção que se transmite dos pais aos filhos. O primeiro âmbito da cidade dos homens iluminado pela fé é a família; penso, antes de mais nada, na união estável do homem e da mulher no matrimónio. Tal união nasce do seu amor, sinal e presença do amor de Deus, nasce do reconhecimento e aceitação do bem que é a diferença sexual, em virtude da qual os cônjuges se podem unir numa só carne e são capazes de gerar uma nova vida, manifestação da bondade do Criador, da sua sabedoria e do seu desígnio de amor. Fundados sobre este amor, homem e mulher podem prometer-se amor mútuo com um gesto que compromete a vida inteira e que lembra muitos traços da fé: prometer um amor que dure para sempre é possível quando se descobre um desígnio maior que os próprios projectos, que nos sustenta e permite doar o futuro inteiro à pessoa amada. Depois, a fé pode ajudar a individuar em toda a sua profundidade e riqueza a geração dos filhos, porque faz reconhecer nela o amor criador que nos dá e nos entrega o mistério de uma nova pessoa; foi assim que Sara, pela sua fé, se tornou mãe, apoiando-se na fidelidade de Deus à sua promessa» (LF 52).

Assim como a luz do sol ilumina o espaço físico da igreja, também a luz da palavra de Deus ilumina a vida em sociedade: «A fé torna-se luz para iluminar todas as relações sociais. Como experiência da paternidade e da misericórdia de Deus, dilata-se depois em caminho fraterno. Na Idade Moderna, procurou-se construir a fraternidade universal entre os homens, baseando-se na sua igualdade; mas, pouco a pouco, fomos compreendendo que esta fraternidade, privada da referência a um Pai comum como seu fundamento último, não consegue subsistir; por isso, é necessário voltar à verdadeira raiz da fraternidade. Desde o seu início, a história de fé foi uma história de fraternidade, embora não desprovida de conflitos. Deus chama Abraão para sair da sua terra, prometendo fazer dele uma única e grande nação, um grande povo, sobre o qual repousa a Bênção divina. À medida que a história da salvação avança, o homem descobre que

Deus quer fazer a todos participar como irmãos da única bênção, que encontra a sua plenitude em Jesus, para que todos se tornem um só. A fé ensina-nos a ver que, em cada homem, há uma bênção para mim, que a luz do rosto de Deus me ilumina através do rosto do irmão.

A humanidade precisa do contributo da fé cristã: «Quantos benefícios trouxe o olhar da fé cristã à cidade dos homens para a sua vida em comum! Graças à fé, compreendemos a dignidade única de cada pessoa, que não era tão evidente no mundo antigo. No centro da fé bíblica, há o amor de Deus, o seu cuidado concreto por cada pessoa, o seu desejo de salvação que abraça toda a humanidade e a criação inteira e que atinge o ponto culminante na encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Quando se obscurece esta realidade, falta o critério para individuar o que torna preciosa e única a vida do homem; e este perde o seu lugar no universo, extravia-se na natureza, renunciando à própria responsabilidade moral, ou então pretende ser árbitro absoluto, arrogando-se um poder de manipulação sem limites» (LF 54).

A palavra proclamada é uma força consoladora no sofrimento. «São Paulo, falando aos cristãos de Corinto das suas tribulações e sofrimentos, coloca a sua fé em relação com a pregação do Evangelho. De facto, diz que nele se cumpre esta passagem da Escritura: «Acreditei e por isso falei» (2 Cor 4, 13). Falar da fé comporta frequentemente falar também de provas dolorosas, mas é precisamente nelas que São Paulo vê o anúncio mais convincente do Evangelho, porque é na fraqueza e no sofrimento que sobressai e se descobre o poder de Deus que supera a nossa fraqueza e o nosso sofrimento. O cristão sabe que o sofrimento não pode ser eliminado, mas pode adquirir um sentido: pode tornar-se acto de amor, entrega nas mãos de Deus que não nos abandona e, deste modo, ser uma etapa de crescimento na fé e no amor» (LF 56).

O sofrimento humano tem um sentido muito cristão, quando sustentado pela fé e pela esperança. «A luz da fé não nos faz esquecer os sofrimentos do mundo. A fé não é luz que dissipa todas as nossas trevas, mas lâmpada que guia os nossos passos na noite, e isto basta para o caminho. Ao homem que sofre, Deus não dá um raciocínio que explique tudo, mas oferece a sua resposta sob a forma duma presença que o acompanha, duma história de bem que se une a cada história de sofrimento para nela abrir uma brecha de luz. Em Cristo, o próprio Deus quis partilhar connosco esta estrada e oferecer-nos o seu olhar para nela vermos a luz. O sofrimento recorda-nos que o serviço da fé ao bem comum é sempre serviço de esperança que nos faz olhar em frente, sabendo que só a partir de Deus, do futuro que vem de Jesus ressuscitado, é que a nossa sociedade pode encontrar alicerces sólidos e duradouros. Neste sentido, a fé está unida à esperança, porque, embora a nossa morada aqui na terra se vá destruindo, há uma habitação eterna que Deus já inaugurou em Cristo, no seu corpo» (LF 57).

A carta encíclica termina com a evocação da Virgem Maria, aquela que acreditou. «No contexto do Evangelho de Lucas, a menção do coração bom e virtuoso, em referência à Palavra ouvida e conservada, pode constituir um retrato implícito da fé da Virgem Maria; o próprio evangelista nos fala da memória de Maria, dizendo que conservava no coração tudo aquilo que ouvia e via, de modo que a Palavra produzisse fruto na sua vida. A Mãe do Senhor é ícone perfeito da fé, como dirá Santa Isabel: «Feliz de ti que acreditaste» (Lc 1, 45). Em Maria, Filha de Sião, tem cumprimento a longa história de fé do Antigo Testamento, com a narração de tantas mulheres fiéis a começar por Sara; mulheres que eram, juntamente com os Patriarcas, o lugar onde a promessa de Deus se cumpria e a vida nova desabrochava. Na plenitude dos tempos, a Palavra de Deus dirigiu-se a Maria, e Ela acolheu-a com todo o seu ser, no seu coração, para que n'Ela tomasse carne e nascesse como luz para os homens. Na sua vida, Maria realizou a peregrinação da fé seguindo o seu Filho. Assim, em Maria, o caminho de fé do Antigo Testamento foi assumido no seguimento de Jesus e deixa-se transformar por Ele, entrando no olhar próprio do Filho de Deus encarnado» (LF 58).

Finalmente, uma oração a Nossa Senhora, «Mãe da Igreja e Mãe da nossa fé», que resume o mistério e o ministério do leitor que acolhe e proclama a palavra de Deus:

Ajudai, ó Mãe, a nossa fé.  
Abri o nosso ouvido à Palavra,  
para reconhecermos a voz de Deus e o seu chamamento.  
Despertai em nós o desejo de seguir os seus passos,  
saindo da nossa terra e acolhendo a sua promessa.  
Ajudai-nos a deixar-nos tocar pelo seu amor,  
para podermos tocá-l'O com a fé.  
Ajudai-nos a confiar-nos plenamente a Ele, a crer no seu amor,  
sobretudo nos momentos de tribulação e cruz,  
quando a nossa fé é chamada a amadurecer.  
Semeai, na nossa fé, a alegria do Ressuscitado.  
Recordai-nos que quem crê nunca está sozinho.  
Ensinai-nos a ver com os olhos de Jesus,  
para que Ele seja luz no nosso caminho.  
E que esta luz da fé cresça sempre em nós  
até chegar aquele dia sem ocaso que é o próprio Cristo,  
vosso Filho, nosso Senhor» (LF 60).

Fátima, 25 de Julho de 2013

P. Pedro Ferreira, ocd

## A LITURGIA – CUME E FONTE DA VIDA CRISTÃ

### Escola de ministérios – Leitores

Leitura da carta encíclica *Lumen fidei*, documento para o Ano da Fé. A importância do ministério litúrgico do leitor em ordem à evangelização, à vida da fé e à renovação litúrgica indicada pelo Concílio.

#### 1. A luz da fé proclamada na liturgia da palavra.

A *Lumen fidei* começa com esta apresentação: «A luz da fé é a expressão com que a tradição da Igreja designou o grande dom trazido por Jesus. Eis como Ele Se nos apresenta, no Evangelho de João: «Eu vim ao mundo como luz, para que todo o que crê em Mim não fique nas trevas» (Jo 12, 46). E São Paulo exprime-se nestes termos: «Porque o Deus que disse: “das trevas brilhe a luz”, foi quem brilhou nos nossos corações» (2 Cor 4, 6) (LF 1). A proclamação da palavra de Deus na liturgia está ao serviço da fé: diz a fé do leitor, gera e alimenta a fé dos ouvintes.

#### 2. A liturgia da palavra é um exercício de maternidade eclesial.

Este título pretende comparar a liturgia da palavra ao exercício da maternidade. A *Lumen fidei* apresenta e desenvolve esta verdade: «Acreditámos no amor». A vida é uma história de amor que integra muitos elementos. Começa por recordar os nossos antepassados na fé: «se quisermos compreender o que é a fé, temos de explanar o seu percurso, o caminho dos homens crentes, com os primeiros testemunhos já no Antigo Testamento. Um posto singular ocupa Abraão, nosso pai na fé. Na sua vida, acontece um facto impressionante: Deus dirige-lhe a Palavra, revela-Se como um Deus que fala e o chama pelo nome. A fé está ligada à escuta. Abraão não vê Deus, mas ouve a sua voz» (LF 8).

#### 3. A responsabilidade do leitor: acreditar para compreender.

O exercício do ministério de leitor é um acto de fé que une a voz de quem lê à palavra de quem diz. Se não acreditardes, não compreendereis (cf. LF 23-24).

A verdade proclamada pelo leitor deve incluir o contributo e a actividade do coração (cf. LF 26).

O acto de ler a palavra de Deus supõe a escuta e a visão. O leitor diz o que escutou e viu à luz da fé (cf. LF 29).

O leitor faz da sua vida uma busca de Deus (cf. LF 35)

Na sua busca de Deus, o leitor pode recorrer à teologia como uma escola de fé (cf. LF 36).

#### 4. A proclamação da palavra é um serviço eclesial.

A Igreja é a mãe da nossa fé. São Paulo explica aos Coríntios: «Transmito-vos aquilo que recebi (1 Cor 15,3). O leitor é a voz dessa transmissão (cf. LF 37).

Usando a imagem da semente que se vai reproduzindo no tempo, a carta encíclica explica como a transmissão da fé acontece no tempo, de geração em geração (cf. LF 38).

A transmissão da fé, como a transmissão da vida, nunca é um acto individual: «É impossível crer sozinhos» (LF 39).

A fé recebe-se e transmite-se em família: «A Igreja transmite aos seus filhos o conteúdo da sua memória» (LF 40).

Analisa as diferentes fases do crescimento e da transmissão da fé por meio dos sacramentos (cf. LF 41).

A transubstanciação, que acontece na consagração dos dons mediante a oração da epiclese e a narração da instituição, é um acontecimento habitual na liturgia dos sacramentos (cf. LF 45).

Na transmissão da fé há ainda dois elementos que são essenciais: «O primeiro é a Oração do Senhor, o Pai Nosso. Igualmente importante é ainda a ligação entre a fé e o Decálogo» (LF 46).

#### 5. O ministério do leitor edifica a igreja.

O leitor é um construtor da cidade de Deus. A fé que actua na palavra proclamada presta o melhor serviço ao bem comum. «Ao apresentar a história dos patriarcas e dos justos do Antigo Testamento, a Carta aos Hebreus põe em relevo um aspecto essencial da sua fé; esta não se apresenta apenas como um caminho, mas também como edificação, preparação de um lugar onde os homens possam habitar uns com os outros. O primeiro construtor é Noé, que, na arca, consegue salvar a sua família. Depois aparece

Abraão, de quem se diz que, pela fé, habitara em tendas, esperando a cidade de alicerces firmes» (LF 50). «A fé faz compreender a arquitetura das relações humanas, porque identifica o seu fundamento último e destino definitivo em Deus, no seu amor, e assim ilumina a arte da sua construção, tornando-se um serviço ao bem comum. Por isso, a fé é um bem para todos, um bem comum: a sua luz não ilumina apenas o âmbito da Igreja nem serve somente para construir uma cidade eterna no além, mas ajuda também a construir as nossas sociedades de modo que caminhem para um futuro de esperança. As mãos da fé levantam-se para o céu, mas fazem-no ao mesmo tempo que edificam, na caridade, uma cidade construída sobre relações que têm como alicerce o amor de Deus» (LF 51).

A edificação da Igreja também se realiza na leitura da palavra de Deus em família e a sós (cf. LF 52).

«A fé torna-se luz para iluminar todas as relações sociais. Como experiência da paternidade e da misericórdia de Deus, dilata-se depois em caminho fraterno» (LF 53).

A humanidade precisa do contributo da fé cristã: «Quantos benefícios trouxe o olhar da fé cristã à cidade dos homens para a sua vida em comum! Graças à fé, compreendemos a dignidade única de cada pessoa, que não era tão evidente no mundo antigo» (LF 54).

A palavra proclamada é uma força consoladora no sofrimento (cf. LF 56).

O sofrimento humano tem um sentido muito cristão, quando sustentado pela fé e pela esperança. «A luz da fé não nos faz esquecer os sofrimentos do mundo. A fé não é luz que dissipa todas as nossas trevas, mas lâmpada que guia os nossos passos na noite, e isto basta para o caminho» (LF 57).

A carta encíclica termina com a evocação da Virgem Maria, aquela que acreditou. «No contexto do Evangelho de Lucas, a menção do coração bom e virtuoso, em referência à Palavra ouvida e conservada, pode constituir um retrato implícito da fé da Virgem Maria; o próprio evangelista nos fala da memória de Maria, dizendo que conservava no coração tudo aquilo que ouvia e via, de modo que a Palavra produzisse fruto na sua vida. A Mãe do Senhor é ícone perfeito da fé, como dirá Santa Isabel: ‘Feliz de ti que acreditaste’ (Lc 1, 45)» (LF 58).

Finalmente, uma oração a Nossa Senhora, «Mãe da Igreja e Mãe da nossa fé», que resume o mistério e o ministério do leitor que acolhe e proclama a palavra de Deus:

Ajudai, ó Mãe, a nossa fé.  
Abri o nosso ouvido à Palavra,  
para reconhecermos a voz de Deus e o seu chamamento.  
Despertai em nós o desejo de seguir os seus passos,  
saindo da nossa terra e acolhendo a sua promessa.  
Ajudai-nos a deixar-nos tocar pelo seu amor,  
para podermos tocá-l’O com a fé.  
Ajudai-nos a confiar-nos plenamente a Ele, a crer no seu amor,  
sobretudo nos momentos de tribulação e cruz,  
quando a nossa fé é chamada a amadurecer.  
Semeai, na nossa fé, a alegria do Ressuscitado.  
Recordai-nos que quem crê nunca está sozinho.  
Ensinai-nos a ver com os olhos de Jesus,  
para que Ele seja luz no nosso caminho.  
E que esta luz da fé cresça sempre em nós  
até chegar aquele dia sem ocaso que é o próprio Cristo,  
vosso Filho, nosso Senhor» (LF 60).  
Amen.